

# A luta contra a rejeição

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press

» RENATA MARIZ

O episódio relatado pela coreógrafa Deborah Colker, que prometeu processar a empresa aérea GOL depois que funcionários a abordaram exigindo um atestado médico do neto dela, de 4 anos, devido a erupções no rosto do garoto causadas por uma doença rara não contagiosa, colocou em evidência um desafio diário de milhares de pessoas no país. Acometidos por enfermidades que deixam sequelas visíveis têm de lidar diariamente com o desgaste emocional trazido pelo problema. Pegar um ônibus, frequentar a escola ou estender a mão para cumprimentar alguém pode se tornar um martírio na vida de quem carrega no rosto ou no corpo os sinais de um diagnóstico quase sempre sem cura. Fuzilados por olhares que vão da mera curiosidade à repugnância, esses pacientes lutam para driblar a rejeição e não deixar a autoestima cair.

Mesmo porque, o equilíbrio emocional, destaca o dermatologista Pedro Zancanaro, está intimamente ligado à evolução de determinadas doenças, sobretudo aquelas classificadas como autoimunes e nem tão comuns, como vitiligo e psoríase. “É impressionante como percebemos, no dia a dia, que os pacientes com acompanhamento



Taísa Lino tem epidermólise bolhosa: “Me canso, às vezes, de ter que explicar o que é a doença”

psicológico têm evolução melhor”, afirma o médico. Ele participou de uma pesquisa, concluída em 2009, com 100 pacientes de vitiligo do Hospital Universitário de Brasília a respeito das emoções trazidas pela enfermidade. Medo (71%) e vergonha (57%) foram as mais referidas no levantamento, que também registrou insegurança (57%) e inibição (53%). “O estudo focou em vitiligo, mas

esses sentimentos se repetem em outras doenças com tais peculiaridades”, afirma Zancanaro, que é membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

## Emoções

Taísa Pereira Lino já experimentou um pouco de cada uma dessas emoções. Diagnosticada em 2008 com epidermólise bolhosa,

mesma doença do neto de Deborah Colker, a brasiliense de 28 anos desenvolveu algumas táticas para se livrar dos interrogatórios a respeito dos ferimentos na pele e da falta de algumas unhas nas mãos e nos pés. “Se alguém, que nem me conhece, pergunta se eu me queimei, digo que sim. Eu me canso, às vezes, de ter que explicar o que é a doença”, conta Taísa. Ela nem se lembra de



O sentimento de rejeição muitas vezes incomoda mais o indivíduo do que a própria doença. Então é bom que se reúnam em grupos de apoio, terapia de grupo ou psicoterapia, isso ajuda muito a fortalecer o lado emocional”

**Roberto Doglia Azambuja,**  
coordenador do Departamento de Psicodermatologia da Sociedade Brasileira de Dermatologia

quantas vezes ouviu receitas para o seu problema de saúde. “As pessoas dizem: ‘Ah, minha avó teve isso, ela tomou tal remédio’. Sei que o intuito é ajudar, mas escutar isso constantemente é desagradável. Principalmente quando vem acompanhado de perguntas do tipo: ‘Seu filho vai ter também?’”.

Para Roberto Doglia Azambuja, coordenador do Departamento de Psicodermatologia da

Sociedade Brasileira de Dermatologia, é importante que as pessoas não se sintam obrigadas a dar explicações quando questionadas de forma indelicada. “O sentimento de rejeição muitas vezes incomoda mais o indivíduo do que a própria doença. Então é bom que se reúnam em grupos de apoio, terapia de grupo ou psicoterapia, isso ajuda muito a fortalecer o lado emocional”, diz o médico. Triana Portal, psicóloga clínica com pós-graduação no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo, explica que tais pacientes ficam com uma espécie de cicatriz emocional e precisam saber lidar com isso. “Porque é claro que essas pessoas vão chamar a nossa atenção. Não precisamos fingir que não as vimos, temos que nos treinar para ver com naturalidade”, ressalta.

Nos últimos anos, Taísa tem conseguido levar com menos aborrecimento os comentários indiscretos e olhares curiosos lançados para as lesões na pele. Ela não nega, porém, que a doença acarretou mudanças importantes em sua vida. “Decidi trabalhar com o meu pai, pois na empresa anterior era muita gente perguntando. Nunca me candidatei para trabalhar onde tivesse que usar salto, porque meu pé não aguenta. Se exigem apresentação pessoal na entrevista, eu nem vou”, conta.